



UNIVERSIDADE DE AVEIRO

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E CULTURAS



Jaime Gralheiro: o Teatro Resistente (estudo da fase realista da sua obra)

Maria Alice Leite de Pinho e Silva
1999

UNIVERSIDADE DE AVEIRO
Departamento de Línguas e Culturas

Ao "Centro de Estudos de Teatro",
com os melhores cumprimentos
Maria Alice Leite Pinho e Silva

Jaime Gralheiro: o Teatro Resistente

(estudo da fase realista da sua obra)

Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado em Estudos Portugueses

Orientação: Professor Doutor Eugénio Lisboa

Maria Alice Leite de Pinho e Silva

Abril de 1999

M. J.: - Mãe, é neste fim de semana que vamos passear?

.....: - Hum... Ainda não sei...

J.: - Mummy, tens mesmo de fazer isso agora?

.....: - Hum...

À Joana e à Maria João:

quando os filhos se calam devem calar-se também as perguntas e recolher-se
as indagações, afinal cada um de nós começa e acaba o mundo

(José Saramago, "A Jangada de Pedra")

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para o Professor Doutor Eugénio Lisboa, orientador da presente dissertação: desde o primeiro momento, sem que nos conhecêssemos para além de mera circunstância de nos encontrarmos em 1/3 de cada uma das duas cadeiras de mestrado que leccionou no 1º semestre do ano curricular, aceitou comigo correr riscos, tanto mais provocadores quanto se iria estudar um autor que lhe era desconhecido; pela plácida e sábia postura com que sempre me acolheu nas sessões de trabalho, pelas interessantes e úteis recomendações decorrentes do seu conhecimento amadurecido dos assuntos abordados, abriu-me pistas, aligeirou-me desencantos e perplexidades; pelo seu interesse, empenho e preocupação que demonstrou (mesmo quando interrompi inesperadamente as tarefas por motivo de doença que me levou a uma cirurgia urgente e inadiável), por tudo isso lhe ficarei sempre devedora de um merecido tributo.

Legítimo se me afigura incluir, ao nível deste primeiro agradecimento, Jaime Gralheiro, pela sua imensa disponibilidade, pelo seu entusiasmo contagiante ...

Incompleto ficaria este ritual se não abrisse também espaço para alargar o agradecimento a pessoas que, de muitas formas, me ajudaram; destaco, sem querer com isso esquecer outros, os funcionários da Biblioteca e dos Serviços de Documentação da SPA e os meus colegas de profissão, Duarte Morgado e Ana Paula Medeiros, que me forneceram algumas pistas bibliográficas importantes de carácter geral; e muitos dos meus professores, sobretudo desta universidade (de 1975 a 1980 e do tempo do mestrado), e ainda os muitos amigos que me foram encorajando, por palavras e por exemplos, ao longo da vida.

Em espaço tão demasiadamente público, coíbe-nos um certo pudor em apresentar mais espontânea e íntima gratidão; no entanto, à minha família e aos meus alunos, em geral, expresso o profundo afecto de que todos são merecedores.

Mais particularmente, ao Zé Caseiro, apenas a inocente reafirmação da confiança, do incentivo, da ternura com que temos entretecido estas duas décadas de companheirismo conjugal e profissional.

Às nossas filhas, Joana e Maria João – é a elas que dedico este trabalho, com todos os sorrisos mais puros do mundo – o meu obrigado, pela compreensão, o carinho e o apaziguamento que espontânea e inocentemente me foram dando. É-lhes justamente endereçada esta simples dádiva, pelas muitas horas que lhes não dediquei...

ÍNDICE

Introdução	3
I – Jaime Gralheiro – O homem e a obra	7
1. Notas biográficas	7
2. Bibliografia do dramaturgo – Tábua cronológica	13
II – A evolução da dramaturgia portuguesa no último cinquentenário: contexto político-cultural	18
1. A produção dramática antes do 25 de Abril; o Neo-Realismo	18
2. O 25 de Abril e a criação dramática	28
III – Divisão da obra de Jaime Gralheiro em fases; breve caracterização	36
IV – Análise 1: Teatro-documento – uma encruzilhada de influências	46
1. Parábola histórica; denúncia crítica e pedagógica	49
2. Heranças e intertextualidades	63
V – Análise 2: Teatro-divertimento – o cómico e o risível	68
1. Arlequins, palhaços e jograis	70
2. O pícaro	79
3. O cómico de linguagem	85
4. <i>O Grande Circo Ibérico</i> : Um caso-síntese	88
Conclusão	92
Bibliografia	
1. Bibliografia Activa	95
2. Bibliografia Passiva	97
3. Bibliografia Geral	99

INTRODUÇÃO

Um estudo sobre o teatro de Jaime Gralheiro, e especificamente sobre a fase realista da sua obra, é o objecto desta dissertação.

Concebêmo-la primeiramente e em traços largos, como um registo de uma sistematização que visa a divulgação de um dramaturgo vivo, autor de uma extensa obra que se estende dos anos 60 aos nossos dias e que, nos seus diversos períodos, reflecte o movimento histórico-social e cultural das últimas épocas. Em segundo lugar, o nosso trabalho integra uma componente de comentário, de perspectiva crítica, uma mais persistente tarefa de reconhecimento das linhas mestras definidoras de um cânone de peças da segunda fase que elegemos entre a amplitude de uma produção, fazendo-se o levantamento de temas, de modelos, de processos técnico-formais, enfim, das características mais relevantes dessa escrita, comprovativas de múltiplas heranças, de que se destaca particularmente a da estética neo-realista "après la lettre".

A abrir, damos a conhecer no I capítulo um esboço do percurso biográfico de Jaime Gralheiro, autor que ao teatro tem dedicado uma grande actividade como dramaturgo e como encenador; apresenta-se também uma tábua cronológica que constitui um primeiro contacto, em tom enumerativo, com o conjunto da sua obra escrita.

No II capítulo pretende-se recordar, partindo de estudos já feitos, alguns momentos da História do Teatro português antes e depois do 25 de Abril de 1974, com todas as vicissitudes que a censura lhe impôs e a descompressão que a liberdade implicou;

destaca-se a par da evolução dos tempos, uma via da evolução estética e ideológica marcante no panorama teatral (a brechtiana) e que enquadra o teatro do particular autor que aqui estudamos.

Retoma-se no capítulo III a incidência sobre a dramaturgia de Jaime Gralheiro, estabelecendo-se uma possível divisão em fases (diferentes mas complementares), fazendo-se uma breve caracterização de cada uma delas, com destaque para aquilo que melhor as define.

Os dois capítulos seguintes expandem e aprofundam esta linha descritiva, agora centrada na análise e na interpretação particular de peças mais representativas da fase realista de Jaime Gralheiro em que evidenciamos claramente dois princípios norteadores: por um lado, aquele que ocupa o IV capítulo, o texto construído como uma encruzilhada de influências, o teatro-documento, a intenção de denúncia crítica e pedagógica subjacente à parábola histórica; por outro lado, o pressuposto do teatro-divertimento (ao serviço daquela primeira intenção), aspectos que constituem a matéria do V capítulo, onde abordamos as diversas componentes que concretizam o cómico e o risível.

Não terminamos sem apresentar na Conclusão outros pormenores que fomos detectando mas que, por ora, não couberam no âmbito do nosso propósito.

Das motivações primeiras que inspiraram a escolha do assunto e do autor diremos que elas se inscreveram em esferas muito pessoais: encontram-se arquivadas em 75/76 na memória de uma jovem que fazia o primeiro ano do seu curso na então nascente Universidade de Aveiro e que, com o pós-revolução, despontava para as novidades e construía a consciência da literatura, da arte, do teatro, com outra intencionalidade que não a da mera finalidade estética. Das primeiras representações de peças que então vimos, constam textos de Jaime Gralheiro e ficou-nos algum fascínio da sua

figura de encenador acompanhando espectáculos que por esses tempos andavam percorrendo o país.

À distância, e sem termos dado conta, fomos sempre sabendo da actividade de Jaime Gralheiro de cujo modo de expressão retivemos a imagem de uma certa determinação, talvez exuberância, de uma persistência optimista e interventiva.

De modo que, ao termos de decidir, num curto prazo, sobre o tema de dissertação de Mestrado, ele se nos impôs como *um* caso pertinente a ser estudado e, talvez, divulgado. E porque não, se isso nos levaria a enveredar por áreas que não conhecíamos em profundidade e daí poderíamos colher algum enriquecimento pessoal e profissional?....

Queremos, entretanto, vincar dois condicionamentos que muito afectaram a realização do trabalho: as precárias condições de tempo (um ano, ainda que com mais seis meses de adiantamento) são indubitavelmente um forte factor de limitação, sobretudo quando, simultaneamente, se cumpre um horário de docência no Ensino Secundário a tempo inteiro, que por exemplo nos impõe impedimentos de deslocações a espaços possuidores de material bibliográfico que tem que ser consultado. Dificuldades e obstáculos de outra natureza condicionaram igualmente ~ nossa tarefa: nem sempre se nos abriram espólios particulares e/ou de meios jornalísticos e teatrais – alguns já extintos, outros sem acervo organizado. Assim, da pesquisa bibliográfica feita, ressalta a consciência de que ela não é exaustiva; e de que se afigura ainda mais relativa se considerarmos, por um lado, que não pudemos aceder a textos de que tínhamos referências; e, por outro, que alguns acasos puseram sob os nossos olhos pistas que nos levaram a determinado material a que não víamos ainda alusão.

Tratando-se de um dramaturgo com vasta produção escrita e representada, algumas das suas peças continuam inéditas em livro;

outras têm edições há muito esgotadas, pelo que foi necessário recorrer ao autor, com vista à cedência de textos e/ou informação mais circunstanciada a que, de outra forma, se não pôde/pode ter acesso.

Finalmente, cumpre ainda anotar um certo desconforto por sabermos existir alguma desproporção (incontornável nas circunstâncias de trabalho acima mencionadas) entre a vastidão de um campo tão rico de estudo (que em grande parte foi novidade para nós), a amplitude de uma obra e a pequenez deste nosso olhar crítico.

I – JAIME GRALHEIRO – O HOMEM E A OBRA

*Enterra, em cheio, a mão na vida humana!
 Todos a vivem: poucos a conhecem;
 Por onde quer que lhe pegueis, é curiosa!*

Göethe, "Fausto"

1 - Notas Biográficas ¹

Nascido a 7 de Julho de 1930, em Macieira, aldeia serrana do concelho de S. Pedro do Sul, Jaime Gaspar Gralheiro é paradigma evidente de entusiasmo e dedicação ao teatro.

Dispersando-se nas inúmeras tarefas da vida profissional e intelectual, nunca, porém, desde os seus 32 anos, deixou o labor dramático. É considerado um dos mais activos dramaturgos portugueses contemporâneos, muito embora o seu lugar na história do teatro no nosso país não esteja ainda completamente estudado de forma sistematizada. Pela sua dispersão e, sobretudo, pelo facto de sempre ter vivido na "província", alheio às grandes máquinas publicitárias, Jaime Gralheiro parece perder a notoriedade e o reconhecimento que com justeza merecerá.

¹ Baseámo-nos, fundamental mas não exclusivamente, no *Curriculum Vitae* do Autor, em versões, por ele fornecidas, de 1994, 1997, 1988 (Junho), a penúltima também publicada no jornal *Tribuna de Lafões*, 30/3/97. Recorremos também a referências avulsas, orais e escritas, que, dele e sobre ele fomos recolhendo, exemplo, entre outros, do texto que publicou na revista *Autores* (boletim da S. P. A.), nº 44, Março/ Abril de 1969, uma sessão sobre "Teatro" por si orientada na Escola Secundária de José Estêvão (Aveiro), em 29/1/94, algumas conversas que fomos tendo, etc. incluindo neste etc textos e entrevistas que irão ser mencionadas ao longo deste nosso trabalho.

Seja como for, o certo é que ele deve ser tido como um lídimo representante não só do teatro de amadores mas do teatro “de feição realista” dos últimos trinta anos, muito embora algumas das suas últimas obras se tenham desviado desse cunho, mantendo, contudo, ainda e sempre, o carácter de textos “de intervenção”.

Gralheiro nasceu, cresceu e tem vivido sempre na sua região natal, isolada entre serras, onde a opressão, o obscurantismo e a pobreza fizeram escala; por isso, manteve sempre um contacto directo com os problemas quotidianos da população rural. Que outro conceito de dramaturgia poderia mais naturalmente dali brotar senão o daquela que traduz a consciência cívica de uma época, de uma sociedade, que denuncia perversidades e injustiças e se assume como seu agente transformador?

Filho de pais pobres, entretanto enriquecidos com o volfrâmio e de residência mudada para a sede da freguesia de Sul, só aos nove anos Jaime Gralheiro começou a frequentar a escola que não havia na aldeia encravada nas fragas do Monte de S. Macário; cumpriu os estudos liceais no Colégio de Lamego e no Colégio de João de Deus no Porto, em cuja revista, “Inicial”, publicou a sua primeira peçazinha de teatro intitulada *Feia* em 1949. Tendo frequentado a Universidade de Coimbra, nela se licenciou em Direito em 1956; aqui fez parte da Tuna Académica e ajudou a fundar o C.I.T.A.C.. Após o estágio profissional em Viseu (1956-1958), radicou morada em S. Pedro do Sul, até hoje seu eterno rincão. Profissional de reconhecido mérito, interveio em incontáveis processos judiciais, tendo-se especializado nas questões jurídicas dos baldios, direitos reais e acidentes de trânsito.

Os anos 60 marcam o início das suas actividades políticas, ligado ao grupo dos Católicos Progressistas. De espírito explosivo e fortes convicções nunca escamoteadas, polémico, por vezes, tem sido aguerrido e constante o seu combate ideológico e político, quer antes, quer depois do 25 de Abril de 1974. De si próprio diz ter

assumido o papel de “consciência histórica da esquerda no distrito de Viseu”: foi presidente da primeira Comissão Administrativa da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul e sucessivas vezes tem incorporado as listas de candidaturas em diversos processos eleitorais de natureza política. Em 1964 subscreveu a lista da Oposição Democrática; em 1969 candidatava-se nas listas da mesma Oposição; na preparação das listas de deputados a “eleger” em 1973, participou também empenhadamente, o que lhe valeu ser preso e julgado pela presença numa sessão clandestina em Lamego. Foi delegado pelo seu distrito aos dois últimos congressos históricos que na cidade de Aveiro tiveram lugar nas duas últimas datas que acabamos de referir; no que antecedeu o 25 de Abril, dirigiu a 6ª secção dedicada ao “Desenvolvimento Regional”².

De resto, Jaime Gralheiro esteve sempre na linha da frente na defesa do desenvolvimento e dos interesses das gentes da sua região, foi um dos principais interventores na defesa da Linha do Vale do Vouga e um dos primeiros a lançar a ideia da Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso. Apoiou técnica e politicamente várias lutas, como a que os agricultores de Lafões travaram contra a taxa do vinho e a batalha a favor da devolução dos baldios aos povos serranos.

A par de uma forte actividade política, Jaime Gralheiro tem sido um incansável dinamizador da vida cultural da sua terra, do seu concelho, do seu distrito, da região centro, diremos. Através de escritos, de palestras, colóquios, seminários em escolas, colectividades, grupos de amadores, festivais, tem sido uma presença contínua na área do teatro; interveio em todos os congressos, assembleias e inúmeras reuniões que sobre esta arte se realizaram em Portugal desde 71 até ao presente, confirmando o que dele escreveu José de Oliveira Barata: *Jaime Gralheiro é um*

² Cf. *Teses e Documentos* dos referidos congressos “II Congresso Republicano de Aveiro” e “III Congresso da Oposição Democrática de Aveiro”, editados pela Seara Nova em 1969 e em 1973, respectivamente.

*homem que tem o teatro dentro de si sem nunca o ter aprendido de forma sistemática.*³

Em jornais vários manteve diversificada colaboração assídua: "Diário de Lisboa", "República", "Diário", "Diário de Notícias"; neste último manteve uma crónica semanal durante quase um ano (1995/1996). Os jornais locais têm igualmente granjeado a sua colaboração: na "Rádio Noar" de Viseu, apresenta, desde o início de 1996, uma crónica semanal de *irónica evocação histórico-cultural de uma cidadezinha de província*.⁴

Com José de Oliveira Barata e Manuela Cruzeiro, Jaime Gralheiro fundou em 1971 o "Cénico, Grupo de Teatro Popular" de S. Pedro do Sul, considerado por vários testemunhos um dos melhores, senão o melhor, grupos de teatro amador do país durante os anos de 76, 77, 78, e até, talvez, 79. Gralheiro tem dirigido artisticamente o Cénico e foi encenador de todos os espectáculos montados pelo grupo; inicialmente em parceria com José de Oliveira Barata, e sozinho a partir de 1973. O percurso dramatúrgico deste autor é indissociável da história do Cénico, colectividade que, apesar de ter atravessado heroicamente algumas fases conturbadas, vem persistindo numa prática regular e é, ainda hoje, importante pólo de criação teatral na região, constituindo um caso singular de longevidade e de vitalidade, com presença significativa na história possível do teatro de amadores; alteraram-se, naturalmente, elencos ao longo de tantos anos; desde que o grupo iniciou a sua actuação, muitas gerações por lá passaram, de tal modo que se diz não haver nenhuma família em S. Pedro do Sul que não tenha estado ligada ao Cénico. Mesmo quando razões e vontades do meio envolvente solicitaram a criação do Cénico Infantil e Juvenil, nos anos 90, ele continuou a assumir-se como escola de formação cultural e cívica,

³ BARATA, José de Oliveira. Texto do programa da representação de *Arraia Miúda* pelo T.E.U.C., 1976

⁴ GRALHEIRO, Jaime, *Curriculum Vitae*

de moldagem de gostos e mentalidades, com forte componente interventiva e didáctica bem visível nos seus últimos espectáculos.

A par do Cénico - e também por causa dele - Jaime Gralheiro tem mantido desde os anos 70 um percurso de escrita de feição regular; muitas das suas peças foram escritas e encenadas para o palco do Cénico, embora algumas não tenham sequer conhecido as páginas da publicação editorial. No reportório do grupo sampedrense, exceptuam-se como relativamente poucas as peças que não sejam da autoria do seu director: "O Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna (71/72); "A Sapateira Prodigiosa", de Garcia Lorca (73/74); "A Grande Jogada", de José Viana (79/80); "Histórias da Avozinha" ou "Viva o Lobo Mau", de Carlos Rodrigues (84/85 e 95); "Tartufo", de Molière/ numa adaptação de Llovet (95); "Vem aí o Zé das Moscas", de António Torrado (97) ⁵.

Eis, portanto, um curioso traço da singularidade deste autor que estamos estudando, uma figura de saber teatral completo: nos últimos 25 anos tem sido ao mesmo tempo dramaturgo e encenador, vivenciando na prática uma importante ligação da escrita dramática, da composição do texto à própria criação cénica.

Desde 1996 Jaime Gralheiro tem o estatuto de formador nas áreas de Direito e de Expressão Dramática, por nomeação do Conselho Pedagógico do Ministério da Educação. Durante vários mandatos, nas décadas de 80 e de 90, foi elemento de órgãos directivos da Sociedade Portuguesa de Autores.

Os dois últimos anos consagram o reconhecimento de Jaime Gralheiro que já em 1978 havia sido considerado o autor português mais representado: em 1997 (Maio) é destacado como "Autor do Ano" pelo 7º Ciclo de Teatro de Autores Portugueses (C.I.T.A.P.) da Amadora que promoveu uma exposição sobre a sua obra de autor e encenador e lhe prestou uma sessão pública de homenagem; em 10

⁵ Cf. GRALHEIRO, Jaime, *História do Cénico- ou 25 anos de Um País Através de uma Associação de Cultura e Recreio*, escrita em 1996, a publicar pela Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, com o apoio do Ministério da Cultura

de Junho recebe o "Galardão do Centenário" da patrona da Casa-Museu Maria da Fontinha (freguesia de Gafanhão, concelho de S. Pedro do Sul); pelo conjunto de toda a sua obra, em 12 de Julho, a revista "Anim`Arte" de Viseu confere-lhe o " Mérito Artístico" destinado a premiar o Artista que é referência cultural relevante e consolidada, com projecção na comunidade regional e nacional; em 1998, 8 de Maio, em S. Pedro do Sul, é condecorado com a "Medalha de Mérito Artístico", pelo Ministro da Cultura; em 31 do mesmo mês, em Lisboa, recebe o "Diploma e Medalha de Instrução e Arte", da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio; em 1 de Junho a Sociedade Portuguesa de Autores atribui-lhe o "Prémio de Carreira" de 1998.